

AS EXPRESSÕES POPULARES DE JOÃO GOMES

José Pereira da Silva (UERJ)



SILVEIRA, João Gomes da. *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa: Riqueza idiomática das frases verbais. Uma hiperoficina de gírias e outros modismos luso-brasileiros.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. XXIV + 953 p.

<http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

O *Dicionário de Expressões Populares da Língua Portuguesa*, assim como todos os dicionários, é uma compilação do acervo idiomático de alguma especialidade ou forma. E, no caso deste, é uma compilação de gírias e outros modismos luso-brasileiros que traz à tona a riqueza contida nas expressões e frases verbais, ou seja, nas frases ou expressões cujo núcleo, geralmente a primeira palavra da expressão, é um verbo.

Sua utilidade geral é incontestável, tanto para o usuário da língua portuguesa como primeira língua ou língua materna, quanto para o estrangeiro ou falante nato de outra língua, porque as expressões populares não se traduzem literalmente e lhes trazem dificuldades especiais, pois nem sempre são eles capazes de assimilar rapidamente os elementos culturais impregnados nelas.

Na “Nota introdutória (ou *Abrindo o verbo*)”, o professor João Gomes chama a atenção para o fato de que essa monografia,

tem por fim explicar os significados de um campo específico, o das *frases verbais*. Tenta ser fiel ao nosso acervo idiomático. Restringe-se às expressões – ou *sintagmas*, como querem os linguistas – puramente *verbais*. Ou seja, tal fraseologia passa a ter vida própria a partir da classe gramatical dos verbos.

Por vezes, alguns *verbetes* poderão ir à quase exaustiva apresentação das

várias versões, o que os torna ainda mais enriquecidos no terreno semântico. Suas frases foram meticolosamente recolhidas, sobretudo, dos dicionaristas e filólogos, dos estudiosos do folclore, dos meios de comunicação, da observação direta e das folhas da literatura luso-brasileira. (p. XIII)

Apesar de parecer muito limitativa sua proposta, não se trata de pequena contribuição, visto ser o verbo a base da comunicação, como bem o registrou na primeira das epígrafes escolhidas: **“No princípio era o Verbo...”** (João, 1, 1), porque tudo que existe sobre a Terra foi feito pela Palavra Criadora, segundo consta em um livro antigo, “No princípio,... a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo, mas... Deus disse: *Haja luz.*” (*Gênesis*, 1, 1-3)

Pelo que consta, Ele gostou de “usar o verbo” e começou aquela maratona de seis dias de trabalhos maravilhosos, terminando com a criação do homem, a quem deu mandou nomear e gerir tudo o mais, descansando no sétimo dia.

Mais adiante, o autor justifica o seu projeto:

A linguagem popular é um dom bem mais do domínio público que a de qualquer fachada que se pavoneia de *coisa pública*. Então, ousou repassar esse *glossário* aos seus grandes e verdadeiros credores – a grei dos usuários do idioma que falamos,... (*Idem, ibidem*).

E, “*pondo os pontos nos is*”, relaciona os seus objetivos, nas páginas XV e XVI, que são:

- **Apresentar expressões verbais de conteúdo idiomático;**
- **Decodificá-las semanticamente;**
- **Associa-las à linguagem coloquial;**
- **Circunscrevê-las nacional e/ou regionalmente;**
- **Subsidiá-las com informações e/ou exemplos.**

E entre as informações importantes que relaciona, acho que vale a pena destacar esta, que diz respeito a sua metodologia, que ressalta por questão de ética acadêmica:

Em inúmeros verbetes, surgem *exemplos* de outrem, recolhidos pela FONTE CONSULTADA, não por este *organizador*. Por vezes, eles ocorrem em casos de que até se dispõe de bibliografia. Essencial é que este guia, ou glossário, seja um texto expositivo. Daí virem anotados só o *autor* e sua respectiva *obra*, sem paginação da fonte. Procedeu-se assim por questão ética. O critério pode ser inusitado, todavia é o que bem ressoa à consciência. No papel de mero *organizador* deste *hipermercado* de expressões, sem veleidades maiores de originalidade, o procedimento, ainda que fuja à praxe acadêmica, ima-

ginamos ser o mais fidedigno e/ou fiel à realidade.

E conclui brilhantemente suas “Explicações prévias” com as seguintes palavras:

Que a teteia vire mistério fascinante. Reparto-a de bom grado, com estudantes, professores, jornalistas, publicitários, redatores, estudiosos em geral. Enfim, seja ambrosia para os amigos que mais irão degustar folhas idiomáticas, à beira de suas escrivatinhas (p. XVII).

E, já *botando a viola no saco* (p. XXI), ressalta que esse “dicionário pretendeu ser um tributo à extensão dos significados do *verbo*, através de *expressões idiomáticas*, ou quase idiomáticas, mas puramente expressões verbais”, colocando-o na abertura de cada verbete, “em cada bloco de expressões”.

Mas não deixa de se orgulhar do volume de sua contribuição, disfarçando-se na seguinte expressão reveladora, que sintetiza itens qualitativos importantes de sua obra: “Não é apenas o maior, também não é o melhor trabalho do gênero, porém, quanto à sua essência, ele é simplesmente único”.

E, para validar com um depoimento de peso acadêmico considerável, traz às falas José Saramago, dialogando-se virtualmente, há uma década: “*Todo lo que se ha dicho alguna vez se puede repetir adaptándolo a cada momento en que se usa; un refrán de un tiempo pasado, utilizado literariamente hoy, no tiene el mismo sentido.*” (Cidade do México, 27/02/2001).